
A Região Norte do Paraná e a formação da cidade de Maringá

Paulo Cesar Tomaz*

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a formação da cidade de Maringá, analisando seu desenvolvimento a partir da influência da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Maringá formou-se através de um acurado processo de re-ocupação da região conhecida como Norte do Paraná, sendo o resultado último de um cuidadoso planejamento da citada empresa, que exerceu suas atividades comerciais através do planejamento, loteamento e venda das terras.

Palavras-chave: Re-ocupação; Norte do Paraná; cidade de Maringá.

Abstract:

The present article aims to reflect on the formation of Maringá City in analysing the city's development from the influence of Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Maringá was formed after a deliberate process of reoccupation in the region known as North of Paraná, resulting from the elaborate planning of the company, which practised its commercial activities through planning, division and sale of land.

Key words: Reoccupation; North of Paraná State; Maringá City.

[...] construir uma cidade pela memória é, sobretudo, uma experiência de vida, onde o trabalho de lembrar pode ser mais importante que a própria lembrança.¹

A região onde hoje se encontra a cidade de Maringá foi habitada por populações humanas desde uma época bastante remota, podendo-se citar como exemplos as etnias Guarani, Xokleng ou Kaingang, cuja presença nessa região remonta a pelo menos 2.000 anos. Recuando no tempo em cerca de 7.000 anos, defrontamo-nos com a “Tradição Humaitá”, cujos vestígios materiais foram encontrados por arqueólogos.² Toda essa área, antes de ser ocupada pelo homem branco de descendência européia, já havia sido habitada por distintos povos.

Desde a chegada dos brancos europeus iniciou-se a guerra de conquista contra as populações indígenas que viviam na região e ocupavam todo o território hoje denominado de Norte e Noroeste do Paraná, localizado entre os rios Paranapanema, Tibagi e Ivaí. A guerra de

* Esse artigo é parte da Dissertação de Mestrado em História defendida na Universidade Estadual de Maringá (UEM). O autor é Doutorando em Ministério (D. Min.) pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (Universidade Presbiteriana Mackenzie) em convênio com o Reformed Theological Seminary (RTS), e membro do

conquista iniciou-se nas primeiras décadas do século XVI, com as expedições portuguesas e espanholas que cruzavam a região em busca de metais, de escravos e de uma rota para o Paraguai e o Peru. Essa conquista da terra acentuou-se com a implantação das Reduções Jesuíticas no Guairá e com as bandeiras paulistas, que invadiram a região capturando índios. Ganhou ainda maior impulso com a descoberta de ouro e diamante no rio Tibagi e com construções militares que cruzavam o território paranaense rumo ao Mato Grosso.

A partir da segunda metade do século XIX ocorreram as invasões dos campos pertencentes aos índios Kaingang por grandes fazendeiros dos Campos Gerais paranaenses na expansão de seus domínios. No século XX a conquista continuou, então de forma pseudopacífica, sendo levada a cabo pelas companhias de terras, que lotearam e venderam os territórios até então pertencentes aos índios. Para esse tipo de ocupação, estas companhias contavam com o aval institucional do Estado do Paraná.³

O conceito de fronteira ajuda a entender esse processo de ocupação em nome do Estado paranaense, visto que os povos indígenas que povoavam esta vasta região não eram reconhecidos como tais pelo governo brasileiro, tratando-se assim de uma *fronteira interior* a ser conquistada.⁴ Isso ocorre quando em determinada região precisa haver uma ocupação que integre o território ainda não totalmente dominado pelo poder institucionalizado, o que ocorreu neste caso, pois havia terras ocupadas por povos nativos ainda não sujeitos ao governo do Estado.

Como se percebe, até o século XVIII a conquista e ocupação da Região Norte do Paraná, antes pertencente aos grupos indígenas nativos, era justificada em nome de um rei soberano, ou ainda por questões religiosas, como as reduções jesuíticas. A partir do século XIX a conquista continuou a ocorrer, só que dessa vez pelo Estado Nacional, sob a justificativa da ocupação territorial, e posteriormente em nome do progresso, com o desmatamento de extensas áreas e sua transformação em campos agrícolas. Toda essa região denominada Norte e Noroeste do Paraná, antes pertencente aos índios, deu lugar às modernas cidades que hoje se conhecem: Londrina, Maringá, Umuarama, e tantas outras de menor porte.⁵

Esse longo processo de conquista parece ter culminado naquilo que se poderia denominar de “fim da fronteira”, quando o embate entre o índio e o branco teoricamente deixa de existir, pois o grupo dominado torna-se subjugado pelo dominador. Em sua maioria, os índios foram

expulsos destas terras e posteriormente reduzidos a pequenas reservas indígenas, enquanto outros foram assimilados à cultura dominante:

A fronteira só deixa de existir quando o conflito desaparece, quando os tempos se fundem, [...] quando o outro se torna a parte antagônica do nós. Quando a história passa a ser a nossa História, a História da nossa diversidade e pluralidade, e nós já não somos nós mesmos porque somos antropológicamente nós e o outro que devoramos e nos devorou.⁶

Embora estas mesmas terras já tenham sido habitadas continuamente por populações humanas desde um período bastante remoto, para o cidadão comum Maringá é uma cidade nova, que veio a ser fundada em uma vasta região de mata nativa e inabitada. Para esse recente habitante não existe marca alguma de população indígena. Até parte da historiografia ignorou a presença contínua de povos nativos que ocuparam essa região desde tempos imemoriais, povos que foram exterminados num longo processo de ocupação das terras, primeiro pelo império português e depois pela Nação brasileira, por meio de ação das companhias de terras com o aval do governo paranaense.

Essa ocupação do Norte do Paraná não deve ser vista como uma fronteira de ocupação estática e imóvel nos limites do Estado, mas como fronteira móvel, como espaço de conquista do outro (o indígena), como luta de controle do território, como uso da terra em nome do progresso capitalista e pelas leis de mercado, cujo resultado foi à transformação radical da paisagem e o desenvolvimento econômico capitalista da região. Esse processo de ocupação ocorreu de forma sistemática, desde o período do descobrimento, até a ocupação pelas companhias de terras que lotearam e venderam os territórios até então pertencentes aos nativos que habitavam a região. A cidade de Maringá formou-se a partir desse processo, sendo o resultado último de um cuidadoso planejamento da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, que promoveu uma atividade de ocupação através do planejamento, loteamento e venda das terras.

O loteamento das terras no Norte do Paraná

O processo de loteamento levado a efeito pelas companhias de terras no Norte Paranaense é distinto do processo de conquista ocorrido anteriormente, e pode ser descrito como frente

C. A. Pelegrini (UEM). E-mail do autor: paulocesartomaz@gmail.com

pioneira, expressão que, segundo José de Souza Martins, traz a concepção de ocupação do espaço que não leva em conta os nativos da região, tendo como referencial o empresário, o fazendeiro, o comerciante e o pequeno agricultor moderno e empreendedor:

[...] quando os geógrafos falavam de frente pioneira estavam falando de uma das faces da reprodução ampliada do capital: a sua reprodução extensiva e territorial, essencialmente mediante a conversão da terra em mercadoria e, portanto, em renda capitalizada, como indicava e indica a proliferação de companhias de terras e negócios imobiliários nas áreas de fronteira em que a expansão assume essa forma. Nesse sentido, estavam falando de uma das dimensões da reprodução capitalista do capital.⁷

No tocante à formação de Maringá e de outras cidades da região, percebe-se que elas têm uma história muito recente, se comparada com os tempos remotos de ocupação destas mesmas terras pelos povos indígenas. Assim, a formação da cidade de Maringá partiu de um projeto de ocupação de terras tidas como “desocupadas” ou “espaço vazio”,⁸ onde predominava a mata virgem. Mediante esse projeto interveio a ação humana, que deu impulso à (re)ocupação⁹ sistemática da região, trazendo rápida transformação da paisagem, que, da condição anterior de floresta nativa, veio a transformar-se numa paisagem urbana e de agricultura tecnificada.

Muitos memorialistas que discorreram sobre a (re)ocupação mais recente destas terras com a formação das cidades hoje aqui presentes fizeram questão de dar grande valor à beleza da vegetação e aos chamados “pioneiros” que desbravaram as densas matas e aqui se fixaram. Gonçalves, ao falar sobre o “pioneirismo”, demonstra que este já estava presente na fala de Bento Munhoz da Rocha Neto, ex-governador paranaense e ex-ministro da agricultura nos anos de 1950, fala que de certa forma reproduzia os enunciados dos dirigentes da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná ao se referirem ao tipo de ocupação de terras que estava ocorrendo na região do Norte Paranaense naquele período. Assevera o autor que o discurso sobre “pioneirismo” servia como um antídoto ao pensamento socialista vigente:

A entronização política do Norte do Paraná significou [...] o manuseio tático de uma forma regional de categorização coletiva, a identidade pioneira, que, conduzida ao estatuto de tipo humano, veio reforçar a idéia de que uma colonização liberal seria o melhor antídoto contra as propostas de reforma agrária advindas dos socialistas e comunistas.¹⁰

Gonçalves também afirma que Bento Munhoz da Rocha Neto, buscando valorizar o desenvolvimento regional do Paraná em comparação com outras regiões do país, teceu pesadas críticas ao desnivelamento socioeconômico nacional ao comparar o Norte-Nordeste, segundo ele, “atrasado, latifundiário e extremamente hierárquico”, e o Sul, a seu ver, “mais aberto, mais democrático, marcado pela presença dos pequenos proprietários imigrantes europeus, em pleno vigor desenvolvimentista”.¹¹

Os chamados “pioneiros” ainda hoje são lembrados como parte da tradição histórica de (re)ocupação dessas terras. Um desses memorialistas, José Hilário, assim narra as experiências dos chamados “pioneiros”:

O Norte do Paraná, principalmente local onde hoje se encontra Maringá, era uma região de difícil acesso, recoberta pelas matas exuberantes peculiares às áreas de terra roxa. Em determinados trechos se abriam grandes clareiras, onde os pioneiros, vindos para cá bem antes da CMNP (Companhia Melhoramentos Norte do Paraná), plantavam café em suas posses que haviam adquirido legalmente junto ao governo paranaense, principalmente durante o governo do interventor Manoel Ribas.¹²

Esses discursos, que exaltam a “bravura” dos primeiros habitantes ao “desbravarem” as densas matas, constituem-se construções narrativas cujo propósito é engrandecer o passado dessa região. Podem também ser analisados como resultantes da busca pela legitimação de determinado espaço através de uma memória comum ao grupo. Essa alocação mostra-se como um “mito fundador” da cidade, legitimando-se assim a construção do “sentimento regionalista” e o enaltecimento dos que primeiro ocuparam as terras vendidas pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná na região de Maringá. Trata-se de um discurso regional que legitima e unifica as identidades:

[...] Estes fatos apropriados pelo discurso regional tornam-se "mitos fundadores" do discurso que sustenta a região, usados pelos discursos políticos para a construção de uma soberania sobre o território e suas populações, ou seja, o exercício do poder.¹³

Ainda hoje o repertório político regional procura unificar essa identidade do cidadão maringaense a fim de demonstrar a bravura do trabalhador dessas terras, que segundo o citado discurso, foi forjado na luta feroz contra as intempéries de uma natureza bravia e saiu vencedor.

Esse é o “pioneiro”, homenageado como exemplo de bravura e intrepidez a ser imitado por cada cidadão do município.

Para Nelson D. Tomazi, até mesmo a expressão “Norte do Paraná” constitui-se em um discurso que “explicita a idéia de que há uma comunidade imaginária de interesses econômicos e políticos” que visa “constituir uma solidariedade que tem vínculos com a própria terra roxa, que é tida como a base física para o sustento de uma visão triunfalista da (re)ocupação”. Segundo o autor, a expressão “pés-vermelhos”, recentemente utilizada para identificar os habitantes do Norte do Paraná talvez seja um bom exemplo de explicação desse processo.¹⁴

É ainda relevante lembrar que a região conhecida como “Região Norte do Paraná teve sua paisagem natural profundamente alterada pelo labor humano”, e que neste “embate homem *versus* natureza”, os fatores econômicos contribuíram intensa e incessantemente para que essa “mudança da paisagem” viesse a ocorrer por meio da ação humana, podendo-se citar como exemplo a derrubada da mata nativa, o cultivo agrícola, a ocupação do solo e a edificação de cidades. Quanto à “alteração da paisagem natural na Região Norte do Paraná”, ocorrida como resultado do engenhoso empreendimento de ocupação realizado pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, com a busca do progresso e da modernidade na construção daquela que seria a cidade de Maringá, Sandra C. A. Pelegrini faz a seguinte colocação:

[...] faz-se necessário lembrar que a ocupação promovida pela citada Companhia, embora empreendedora, não vislumbrava na época cuidados expressivos com o ecossistema existente na região. Alheia a exuberância natural da localidade, a empresa buscava “limpar” e “esquadrinhar” topograficamente o terreno e ali erguer um grande centro gerador de progresso e modernidade.¹⁵

Assim, a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná atuou no planejamento e na formação da cidade de Maringá, levando adiante seu projeto comercial de loteamento e venda de terras, um investimento altamente lucrativo.

Na seqüência analisar-se-á mais detalhadamente o processo de formação da cidade de Maringá a partir dos investimentos comerciais da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.

A ação da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná na formação da cidade de Maringá

Maringá tem sido vista como uma cidade moderna, considerada exemplo de desenvolvimento para outros municípios do Paraná e do Brasil; uma cidade que cresce vertiginosamente e é admirada pela propalada qualidade de vida que oferece a seus moradores.

Maringá é fruto de um planejamento urbanístico que a faz diferente de tantas outras cidades brasileiras. Sua planta foi encomendada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná ao urbanista Jorge de Macedo Vieira.¹⁶ Seu acurado planejamento, com um traçado moderno e funcional, tinha como objetivo lançar Maringá rumo a um futuro próspero.

O nome Maringá foi tomado de uma canção de Joubert de Carvalho, composta em 1931, que retratava o drama das secas do Nordeste e a história de uma migrante, a cabocla Maringá (contração de Maria do Ingá). Essa canção era muito conhecida na época em que se desbravava o Norte de Paraná. O nome teve grande aceitação e posteriormente Maringá passou a ser cognominada de “Cidade Canção”, por causa da origem de seu nome.¹⁷

A cidade tem sua origem ligada à presença da Companhia de Terras Norte do Paraná, que era subsidiária da empresa inglesa Paraná Plantation Ltda., instalada no Brasil a partir de um convite do presidente Artur Bernardes, que buscava negociar a dívida brasileira com aquela nação. Em resposta a este convite veio uma equipe inglesa a fim de analisar a possibilidade de investir na plantação de algodão para abastecer a indústria têxtil inglesa. A fertilidade da terra paranaense e os baixos preços das glebas oferecidas à venda pelo governo do Estado do Paraná atraíram o interesse inglês em investir na região.

Por volta de 1939, com o advento da Segunda Guerra Mundial, a Inglaterra, submersa no conflito de dimensões continentais, viu-se obrigada a dispor de muitos de seus bens no exterior. O governo britânico então determinou o retorno automático dos capitais ingleses em aplicação fora do país, o que resultou na venda da até então chamada Companhia de Terras Norte do Paraná a um grupo de empresários paulistas, tendo à frente Gastão Vidigal, fundador do Banco Mercantil de São Paulo, e Gastão de Mesquita Filho.¹⁸ A Companhia de Terras Norte do Paraná, agora sob controle de investimentos nacionais, passou a denominar-se Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP).

Essa Companhia promoveu a ocupação da grande gleba através do planejamento, loteamento e venda das terras, como também a construção de estradas e a implantação de núcleos urbanos para a formação de cidades e patrimônios.

Em conformidade com o plano geral de ocupação do Norte do Paraná a Companhia fundou uma grande rede de cidades, que se estendia desde Londrina até Umuarama. A fundação dessas cidades era parte do plano da Companhia de lotear e vender glebas destinadas, principalmente, ao cultivo do café, tido como produto agrícola muito promissor naquele tempo. Foram implantados pela Companhia 62 núcleos urbanos, os quais hoje constituem nove patrimônios, dezoito distritos e vinte e três sedes de município, das quais doze são também sedes de comarca. Além destes, outros 48 núcleos urbanos foram instalados por iniciativa de particulares nas terras da Companhia.¹⁹ Os critérios utilizados para o posicionamento dessas cidades na vasta extensão territorial estavam relacionados com o traçado da ferrovia, pois sua implantação acompanhava o caminho da estrada de ferro, que por causa do relevo se situava ao longo do espigão.

Essa ocupação planejada, voltada à criação de um conjunto de cidades e patrimônios, efetivou-se no decorrer de poucos anos. A primeira cidade fundada foi Londrina, sede do escritório da CMNP, seguida das cidades menores - Cambé, Rolândia, Araçongas, Apucarana, Jandaia do Sul e Mandaguari. Maringá foi fundada em 1947, e o plano da CMNP era transformá-la na segunda capital regional.²⁰

Um importante aspecto desse planejamento na formação das cidades e patrimônios no Norte do Paraná mostra-se na preocupação, por parte da Companhia, em estabelecer a distância média de 100 quilômetros entre os núcleos básicos de colonização, destinados a serem centros econômicos regionais de maior importância (Londrina, Maringá, Cianorte e Umuarama), e 15 quilômetros entre as cidades menores, fundadas como centros intermediários de abastecimento para a população rural. A Companhia realizou também trabalhos de demarcação e loteamento das glebas localizadas nas vastas regiões, construindo estradas principais e secundárias a fim de permitir aos sítiantes se fixarem nos seus respectivos lotes.

Para promover a venda das terras nas áreas loteadas a Companhia procurou realizar intensa propaganda, principalmente no Estado de São Paulo, exaltando a fertilidade das terras oferecidas e incentivando os pequenos agricultores a investir em sua aquisição com promessas de alta produtividade na plantação de café, algodão e cereais. As estratégias publicitárias consistiam na distribuição de folhetos com explicações sobre as condições de aquisição das propriedades para exploração agrícola e na divulgação das vendas em jornais do Paraná e de São Paulo.²¹

No período de 1948 a 1952 a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná passou a investir em propaganda na revista *A Pioneira*, periódico publicado em Londrina, com o intuito de realizar a divulgação das terras e assim promover sua comercialização. Essa propaganda, distribuída em todo o país, tinha por objetivo projetar a Região Norte do Paraná como o novo “Eldorado”²², espaço de riquezas e oportunidades aos que aceitassem o desafio de desbravar as terras férteis ainda a serem cultivadas no Norte paranaense. Esse tipo de propaganda surtiu um efeito razoável, levando um grande contingente de pessoas a adquirirem lotes na região com o sonho de se tornarem prósperos numa terra que, segundo a propaganda da Companhia, propiciava grandes oportunidades aos novos proprietários que estivessem dispostos a tirar proveito dos baixos custos da terra, investindo na produção do café:



Figura 01: Propaganda da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP).

Fonte: Revista *A Pioneira*, n.2. Contracapa. (julho-agosto de 1948).

Na foto²³ da contracapa da revista *A Pioneira* (figura 01) observa-se a imagem panorâmica da cidade de Maringá em formação. No centro da contracapa estão os dizeres:

O rápido e crescente desenvolvimento da zona agrícola que tem como centro a nova cidade de Maringá justifica plenamente o progresso fantástico desta futura metrópole. A fotografia mostra a importância do núcleo com que a cidade começou e nos fundos dá uma idéia da extensão surpreendente da cidade nova, em fevereiro deste ano. Hoje é duas vezes maior.²⁴

A Companhia fazia questão de enfatizar o rápido desenvolvimento da cidade de Maringá, cuja população crescia vertiginosamente, como sendo resultado direto da expansão agrícola da região. Em letras grandes, no centro, se lê: “Terras roxas de alta qualidade”. Logo abaixo, no lado esquerdo encontra-se outra frase: “Vantajosa produção de café, cereais, fumo, algodão, cana de açúcar, mandioca, trigo, etc”. O aspecto da terra era aproveitado como meio de propaganda para enfatizar a qualidade do solo, que era indicado para o plantio dos produtos agrícolas citados na contracapa da revista. Essas foram estratégias utilizadas pela empresa para convencer seu público-alvo da grande vantagem em se plantar naquela região - região de terras roxas, intensamente férteis e produtivas, segundo seus divulgadores.

Em outra edição da revista *A Pioneira* (figura 02) encontra-se o mesmo destaque dado à fecundidade da terra, agora, porém, enfatizando-se o cultivo do café, que a propaganda chamava de “ouro verde”, sinal de riqueza e prosperidade para o agricultor que comprasse as terras da Companhia e cultivasse esse produto tão valioso. A revista expõe na parte superior da contracapa uma foto onde é possível observar agricultores trabalhando no processo de secagem dos grãos de café, e logo abaixo coloca um texto explicativo:

Maringá, apesar de o desbravamento de suas terras, ter se iniciado há pouco, já esta entrando para o rol dos distritos produtores de café. Aqui está uma foto, em que o ouro verde se espalha pelo terreiro para secagem. Dentro de poucos anos, milhões de cafeeiros de Maringá estarão concorrendo para o aumento da riqueza do Brasil.²⁵

Observe a contracapa da revista:



Figura 02: Propaganda da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP).
 Fonte: Revista *A Pioneira*, n.8. Contracapa. (maio-junho de 1951).

Nas edições da revista *A Pioneira*, na contracapa sempre se encontravam os seguintes dizeres, relativos à Companhia: “Cia. Melhoramentos Norte do Paraná. A maior empresa colonizadora da América do Sul”. É importante perceber que através de declarações desse tipo a empresa fazia questão de deixar claro aos compradores que se tratava de uma empresa sólida e confiável no mercado imobiliário, na qual os investidores teriam todas as garantias de um bom negócio.



Figura 03: Propaganda da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP).
 Fonte: Revista *A Pioneira*, n.13. Contracapa. (dezembro de 1952).

A contracapa da edição n.13 da revista *A Pioneira* (figura 03), que exibe a propaganda da empresa, apresenta uma foto em que a natureza é assolada pela ação humana através do desmatamento. Nela, uma grande área desmatada exibe frondosos troncos de árvores caídos ao chão. Na época, a Cia. Melhoramentos se mostrava destituída de qualquer preocupação com a preservação do meio ambiente. Aliás, naquele tempo, desmatamento e edificação de cidades eram sinônimos de progresso e prosperidade. Veja-se o que diz o texto exposto logo abaixo na contracapa da mesma revista:

MARINGÁ CONQUISTA A MATA – A cidade que em apenas 5 anos apresentou o impressionante número de 3.000 prédios e 20.000 habitantes, não pára de crescer. A foto tirada a Oeste de Maringá mostra uma derrubada recente para dar expansão à cidade, da qual se vê parte.²⁶

Segundo France LUZ, o município de Maringá abrangia, até 1960, uma grande área, que hoje pertence aos municípios de Ivatuba, Doutor Camargo, Paiçandu e Floresta. Essa grande extensão foi dividida em glebas de tamanhos variados, acompanhando a topografia e os cursos de d'água. Essas glebas receberam os nomes de Atlantic, Caxias, Centenário, Chapecó, Colombo, Maringá, Morangueiro, Paiçandu, Patrimônio Água Boa, Patrimônio Doutor Camargo, Patrimônio Paiçandu, Pingüim e Sarandi. Os nomes citados correspondem aos córregos e ribeirões das localidades. As glebas que eram designadas como “Patrimônio” estavam ao redor de cidades e vilas, sendo lotes de menor extensão, formando assim o “cinturão verde” dos respectivos núcleos urbanos.²⁷ Essas glebas foram então divididas em lotes de diversos tamanhos, os quais eram vendidos por meio de contratos de compra e venda assinados entre a empresa e os novos proprietários.

Na maioria das vezes os novos proprietários dos lotes eram brasileiros provindos de outras localidades do Norte do Paraná e também de outras regiões do Brasil, como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais ou outros Estados do país. Havia também pessoas vindas de outras nações, pois a propaganda da Companhia atingiu países diferentes. Predominavam entre os estrangeiros pessoas vindas da Espanha, Itália, Portugal, Japão, Alemanha e Rússia.

O planejamento do perímetro urbano da cidade de Maringá só foi efetivado após a demarcação da estação da estrada de ferro, realizada pelo então Departamento Nacional de Estradas de Ferro. A parte urbana de Maringá tinha como plano inicial uma área de 600 alqueires, com cinco quilômetros de comprimento e três de largura. Desse total, 44 alqueires seriam reservados para abrigar dois bosques com 22 alqueires cada um. A planta da cidade também previa a apropriada localização dos bairros com suas respectivas funções: residencial, industrial e de armazéns (com desvios ferroviários). Todo o traçado das ruas e avenidas foi cuidadosamente planejado, prevendo arborização e ajardinamento:

A Companhia trouxe a Maringá em 1949 um engenheiro florestal, especialista em botânica para providenciar a rápida arborização da cidade, que então oferecia uma paisagem desoladora marcada pelas queimadas. O sucesso do empreendimento comercial da Companhia dependia de uma imagem sedutora e

a vegetação nativa e exótica que se fez plantar satisfizes aquela condição. A paisagem urbana ganhou ‘variedade e encanto’ [...] com a instalação de um canteiro central com uma terceira fileira de árvores nas vias principais, mais largas que as ruas menos importantes apenas arborizadas nas calçadas laterais. [...] cada via recebeu um tratamento diferente, plantando-se em cada uma um determinado tipo de árvore, distinto do das vizinhas, conferindo a cada via a própria individualidade, rebatendo a uniformização da cidade e, conseqüentemente, seu empobrecimento estético e qualitativo.²⁸

Além dessa preocupação estética que diz respeito ao paisagismo citadino, foram também reservadas áreas específicas para a construção de escolas, igrejas, hospitais, parques infantis, logradouros públicos e do estádio municipal. Ao redor da cidade foram reservados, em disposição quase anelar, espaços destinados à localização de chácaras para abastecer a cidade. Quanto à planta da cidade e seu idealizador, Rego assevera:

A Companhia encarregou os projetos de Maringá e de Cianorte ao engenheiro Jorge de Macedo Vieira. Como se sabe, Macedo Vieira estagiara e trabalhara na Companhia City de loteamentos, em São Paulo, no período em que Barry Parker desenvolveu os projetos dessa empresa para os bairros paulistanos Jardim América, Alto da Lapa e Pacaembu. Parker era sócio de Raymond Unwin e juntos haviam desenhado as primeiras cidades-jardins inglesas. Deste modo, Macedo Vieira foi influenciado pela ‘arte inglesa de projetar cidades’ e muitas das soluções formais por ele aplicadas no anteprojeto de Maringá são recomendadas pelo tratado de desenho urbano de Unwin, publicado em 1909.²⁹

Maringá, como cidade planejada, foi projetada como já mencionado, segundo o modelo inglês de “cidade-jardim” idealizado por Unwin e Parker, baseados na proposta de Ebenezer Howard publicada em 1902 sob o título *Garden Cities of Tomorrow*. Tais afirmações quanto à influência desse modelo nas características estéticas da cidade se sustentam por suas formas peculiares, como, por exemplo, o traçado irregular respeitando as características naturais do terreno, a presença preponderante do verde como elemento que compõe o espaço urbano, a forma artística do traçado da malha urbana, o formato das praças, a estrutura de bairros e centros, separados segundo suas características e funcionamento no espaço urbano.³⁰

Essas características arquitetônicas empregadas na elaboração da planta da cidade foram também aproveitadas pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná como meio de divulgar a venda de lotes a quem se interessasse. Isso pode ser observado na contracapa da revista *A Pioneira*, n.10 (figura 04), onde se vê a foto da cidade com suas largas avenidas, e logo abaixo a seguinte informação:

MARINGÁ: UMA OBRA PRIMA DE URBANISMO: Planificada com todos os requisitos da técnica urbanística, para dar conforto e bem estar aos seus habitantes, Maringá surpreende a todos com suas ruas largas e amplas avenidas de 46, 35 e 30 metros, como esta no clichê.³¹

Observe a contracapa da revista:



Figura 04: Propaganda da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP).

Fonte: Revista *A Pioneira*, n.10. Contracapa. (dezembro de 1951).

Na seqüência observa-se o desenho do anteprojeto da Cidade de Maringá, elaborado em 1945 (figura 05). A planta da cidade exhibe as características mencionadas do modelo inglês de “cidades-jardim”. Nela observa-se o traçado irregular respeitando as características naturais do relevo, a forma artística da malha urbana com traços curvilíneos contornando as praças, e dois grandes bosques em meio ao ambiente citadino.



Figura 05: Planta da cidade de Maringá – 1945.

Fonte: Projeto Memória - Secretaria de Cultura e Patrimônio - PM de Maringá.

Após a composição da planta, com a venda dos lotes urbanos a cidade de Maringá passou a ter uma intensa movimentação populacional em toda a sua extensão. Uma das primeiras edificações de alvenaria desse núcleo nascente foi o prédio onde se instalou o escritório da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, a ser utilizado para sediar a venda das terras nos limites do município. A pedra fundamental da cidade foi oficialmente lançada no dia 10 de maio de 1947. Aos poucos se foi derrubando a mata na área central da cidade planejada e os lotes foram sendo vendidos e ocupados.³² As construções iniciais eram de madeira. Casas comerciais, residências e hotéis desde então passaram a ocupar o espaço antes dominado pela mata nativa.

A região Norte do Paraná e a cidade de Maringá ainda hoje continuam a sofrer esse ininterrupto processo de transformação de sua paisagem através da ação humana. As construções urbanas cada vez mais ocupam os espaços antes pertencentes à natureza. Antigas construções são também demolidas e novas edificações são erigidas em um contínuo processo de modernização e

re-configuração do espaço urbano. A cidade cada vez mais se moderniza, sendo re-inventada e re-arranjada em cada momento de sua história.

Referências:

ARRUDA, Gilmar. *História, historiadores, regiões e fronteiras*. História Debates e Tendências. Revista do Programa de Pós Graduação Em História, Passo Fundo-RS, 2002.

CARBONARI, Maria Rosa. De quien es ese espacio?:La construccion de la frontera sur. IN: Revista de Investigacion Histórica y Sociológica. *Procesos conflictos y visiones*. Argentina: Universidad Nacional de Rio Cuarto, 1998.

CARBONARI, Maria Rosa. Mitos fundantes: Las fronteras sin límites y el modelo civilizador IN: CIMADEVILLA, Gustavo; CARNIGLIA, Edgardo. *Comunicacion, roralidad y desarrollo*. Mitos, paradigmas y dispositivos del cambio. Buenos Aires: Ediciones INTA, 2004.

GONÇALVES, José Henrique Rollo. *A "mística do pioneirismo", antídoto contra o socialismo: Bento Munhoz da Rocha Neto, a reforma agrária e o norte do Paraná dos anos 50 e 60*. Revista de História Regional. Vol. 2. - nº 1, 1997. Disponível em: <<http://www.rhr.uepg.br/v2n1/rollo.htm>>. Acesso em: set. 2007).

HILÁRIO, José. *Maringá Jubileu de Ouro*. TecMídia: Maringá-Pr. 1997.

LUZ, France. Maringá: A fase de implantação. In: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo (org.). *Maringá e o norte do Paraná*. Estudos de história regional. Maringá: EDUEM, 1999.

LUZ, France, *O Fenômeno urbano numa zona pioneira*: Maringá. Maringá: a Prefeitura, 1997.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira. A degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo. SP: Ed. HUCITEC, 1997.

MOTA, Lúcio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva. In: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo (org.). *Maringá e o norte do Paraná. Estudos de história regional*. Maringá: EDUEM, 1999.

PELEGRINI, Sandra C. A. A paisagem urbana de Maringá expressa em distintas representações pictóricas da cidade. IN: PELEGRINI, Sandra, e ZANIRATO, Silvia. *Narrativas da Pós-modernidade na pesquisa histórica*. Maringá: Eduem, 2005.

PELEGRINI, Sandra C.A.; TEIXEIRA, Joubert Paulo. *Os conceitos de imagem e realismo fotográfico na pesquisa histórica*. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores &id=38>>. Acesso em: out. 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Memória, história e cidade: lugares no tempo, momentos no espaço*. Uberlândia: ArtCultura, v.4, n.4, 2002.

REGO, R. L. . *O desenho urbano de Maringá e a idéia de cidade jardim*. Acta Scientiarum, Maringá, v. 23, n. 6, 2001.

REGO, R. L.; MENEGUETTI, Karin Schwabe; ANGELIS NETO, Generoso de; JABUR, Rodrigo Sartori ; RISSI, Queila . *Reconstruindo a forma urbana: uma análise do desenho das principais cidades da Companhia de Terras Norte do Paraná*. Acta Scientiarum, Maringá, v. 26, n. 2, 2004.

Revista *A Pioneira*, n.2. Contra-cap. (julho-agosto de 1948).

Revista *A Pioneira*, n.8. Contra-cap. (maio-junho de 1951).

Revista *A Pioneira*, n.10. Contra-cap. (dezembro de 1951).

Revista *A Pioneira*, n.13. Contra-cap. (dezembro de 1952).

TOMAZI, Nelson Dacio. *“Norte do Paraná”: História e Fantasmagorias*. Dissertação de Doutorado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 1997.

¹ PESAVENTO, 2002, p. 27.

² MOTA, 1999, p. 6.

³ MOTA, 1999, p. 23.

⁴ CARBONARI, 1998, p. 34.

⁵ MOTA, 1999, p. 50.

⁶ MARTINS, 1997, p. 151.

⁷ MARTINS, 1997, p. 156.

⁸ “uma área de terras livres em contínuo recesso” (CARBONARI, 2004, p.31).

⁹ Nelson D. Tomazi faz distinção entre ocupação e (re)ocupação das terras pertencentes à região conhecida como Norte do Paraná da seguinte forma: “OCUPAÇÃO - o longo caminho percorrido por povos que ocuparam a região, hoje situada ao norte do estado do Paraná, desde há milhares de anos e que utilizavam todo este território como espaço para o desenvolvimento de suas sociedades” e “(RE)OCUPAÇÃO – como o processo que se desenvolveu a partir de meados do século XIX, com a preocupação de integrar estas terras, consideradas ‘vazias’, ao processo de valorização do capital ou ao processo de desenvolvimento do capitalismo no Brasil” (TOMAZI, 1997, p. 10).

¹⁰ GONÇALVES, 1997.

¹¹ GONÇALVES, 1997.

¹² HILARIO, 1997, p. 53.

¹³ ARRUDA, 2002, p. 09.

¹⁴ TOMAZI, 1997, p. 11-12.

¹⁵ PELEGRINI, 2005, p. 127.

¹⁶ PELEGRINI, 2005, p. 128.

¹⁷ LUZ, 1999, p. 125.

¹⁸ LUZ, 1997, p. 37.

¹⁹ REGO, 2004.

²⁰ LUZ, 1997, p. 46.

²¹ LUZ, 1997, p. 40.

²² O Eldorado é uma antiga lenda narrada pelos nativos aos espanhóis na época de conquista das Américas. Os nativos falavam de uma cidade cujas construções seriam todas feitas de ouro maciço e cujos tesouros existiriam em quantidades inimagináveis.

²³ Durante a exposição desse trabalho são examinadas algumas fotografias entendidas como documento para a pesquisa histórica. Deve-se, todavia, estar atento a certas questões relativas a esse tipo de abordagem, pois como salientam Pelegrini e Teixeira "... o conceito de 'realidade fotográfica' (...) não constitui um 'espelho' fiel do 'real', mas por meio dela podemos captar aspectos da cultura na qual ela foi concebida. Cada ângulo ou foco de interesse, enfim, cada flagrante de luz e sombra, apresentam-se como pistas a serem decifradas pelo investigador". Desse modo, busca-se através de pistas interpretar as imagens utilizadas, a fim de se descrever de forma mais fiel possível os objetos estudados. (PELEGRINI & TEIXEIRA, 2007).

²⁴ Revista *A Pioneira*, n.2, 1948.

²⁵ Revista *A Pioneira*, n.8, 1951.

²⁶ Revista *A Pioneira*, n.13, 1952.

²⁷ LUZ, 1997, p. 48-49.

²⁸ REGO, 2001.

²⁹ REGO & MENEGUETTI, 2004.

³⁰ REGO, 2001.

³¹ Revista *A Pioneira*, n.10, 1951.

³² LUZ, 1997, p. 137.